

**SINTOMA: METÁFORA E METONÍMIA\***

O exame da metáfora e da metonímia em psicanálise aponta, invariavelmente, para a obra de Jacques Lacan, responsável por promover essas figuras ao estatuto de conceito psicanalítico, ultrapassando a mera categorização da retórica. Contudo, nosso olhar repousa, inicialmente, sobre os fundamentos dessa construção, a partir da obra não menos importante de Sigmund Freud, cuja tese, em especial perseguida na obra sobre os sonhos e os chistes, é que o simbolismo aí encontrado não lhes é peculiar, mas característico da representação inconsciente<sup>1</sup>.

**O sintoma e o símbolo em Freud**

Para os fins aqui pretendidos, interessa-nos tão-somente pontuar, com pequenos fragmentos da obra freudiana, a ligação particular entre o que Freud designa de símbolo e o sintoma. Num artigo que tem muito justamente o título de “Uma ligação entre um símbolo e um sintoma”, Freud (1916) assinala que os neuróticos obsessivos, quando estão na rua, ficam atentos para ver se algum conhecido os cumprimenta primeiro tirando o chapéu, ou se parece estar esperando pelo cumprimento deles, e cortam relações com grande número de conhecidos após descobrirem que não os saúdam mais ou não retribuem sua própria saudação de maneira apropriada. Para Freud, sua resistência a qualquer explicação pode ser encontrada em sua relação com o complexo de castração.

Nesse caso, admite o autor, a explicação pode ser encontrada a partir do fato de o chapéu, como prolongamento destacável da cabeça, ser um símbolo do órgão genital, mais frequentemente do órgão masculino. Daí ser comum entre os que sofrem de obsessões, afirma Freud (1916), indignarem-se contra a pena de morte por decapitação, que no simbolismo freudiano constitui um substituto da castração.

O símbolo em Freud é uma verdadeira bacia semântica, em que inúmeras significações e acepções podem ser detectadas. No estudo dos sonhos, o símbolo freudiano apresenta uma certa fixidez de sentido que, entretanto, não desconhece a pluralidade, reconhece-lhe Todorov (1996). De tal modo o estudo do símbolo ocupou por tanto tempo a mente de Freud, que chegou a constituir-se uma comissão, no Congresso de Nuremberg (1910), para o estudo coletivo do simbolismo, do qual parece

---

<sup>1</sup> Ver FREUD (1900). Capítulo VI, (E) Representação por símbolos nos sonhos – outros sonhos típicos.

que pouco resultou, conforme anuncia o editor em nota a “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica” (FREUD, 1910).

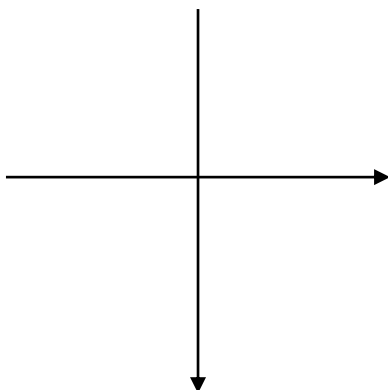
Um outro exemplo que destacaríamos da formidável simbólica freudiana com relação à formação do símbolo concerne a um exemplo da histeria, retirado de um dos primeiros estudos de Freud (1895[1950]). Trata-se da “Psicopatologia da histeria”, onde Freud reconstitui a estrutura do sintoma da compulsão histérica. Uma primeira observação de interesse é a diferenciação estabelecida por ele entre a formação dita comum do símbolo e a formação do símbolo histérico. Para o primeiro, o exemplo a que recorre é o de um soldado, capaz de se sacrificar por um farrapo multicolor preso a um mastro, símbolo de sua pátria.

O histérico, no exemplo freudiano, chora por causa de *A*, mas não percebe que isso se deve à associação *A–B*, sendo que *B* não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso, afirma Freud (1895[1950]), “a *coisa* foi completamente substituída pelo símbolo”. E conclui que: “*A* é compulsiva e *B* está recalcada (ao menos da consciência). A análise levou a esta surpreendente conclusão: para cada compulsão existe um *recalque* correspondente e, para cada intrusão excessiva na consciência, existe uma amnésia correspondente”.

Um detalhe adicional a esse processo chama a nossa atenção, pelo que vem a seguir: “Algo foi acrescentado a *A*, que foi subtraído de *B*. O processo patológico é um processo de *deslocamento*, tal como vimos a conhecer nos sonhos — ou seja, um processo primário” (FREUD (1895 [1950])). Associação e deslocamento constituem a chave para abrirmos um outro portal, desta vez o da linguística, necessário, ao nosso ver, para nos situarmos frente ao que iremos partilhar da leitura da obra lacaniana.

### **Um aporte linguístico**

Devemos retornar a Saussure [1979] que, em seu *Curso de lingüística geral*, para dar conta da dualidade temporal na ciência que inaugurava, recorreu à figura em que dois eixos se cruzam.



Com relação ao eixo AB, horizontal, definiu o autor como eixo das simultaneidades, que concerne às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui. O eixo CD, vertical, é o eixo das sucessões, sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo, com suas respectivas transformações (SAUSSURE, [1979], p. 95 e s.). No eixo AB, Saussure situa a Linguística sincrônica, ao passo que a Linguística diacrônica se localizaria no eixo CD.

Os fatos pertencentes a uma série diacrônica não são da mesma ordem dos da série sincrônica. O fato de sincronia é sempre significativo, apela para dois termos simultâneos, seja em correlação, como os sinônimos, seja em oposição, como os antônimos. No fato diacrônico, contudo, não interessa mais que um termo, e para que uma nova forma apareça, é necessário que a antiga lhe ceda o lugar.

Num estado de língua, assinala o autor do *Curso...*, tudo se baseia em relações, e as relações e as diferenças entre termos linguísticos desenvolvem-se em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores. Correspondem, no entendimento de Saussure [1979], a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua.

No discurso, e em virtude de seu encadeamento, os termos se alinham um após outro na cadeia da fala, e a tais combinações, que se apoiam na extensão, Saussure [1979] designa de sintagmas. O sintagma compõe-se de duas ou mais unidades

consecutivas, e um termo num sintagma só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. A frase é o tipo por excelência de sintagma.

Fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos, dentro dos quais imperam relações muito diversas. Essas coordenações não têm por base a extensão, mas fazem parte do tesouro interior de uma língua, assinala o autor. A elas, Saussure [1979] designa de relações associativas. Se a relação sintagmática existe *in praesentia*, ou seja, repousa em dois termos igualmente presentes numa série efetiva, a relação associativa une termos *in absentia*, numa série mnemônica virtual.

Em artigo marcadamente importante para a teoria psicanalítica com Lacan, Roman Jakobson [19?], linguista do Círculo de Praga, produziu algo bastante original, aprofundando os conceitos de metáfora e de metonímia. Partindo da observação dos distúrbios da fala nos afásicos, Jakobson encontra, na dissolução da linguagem, seu duplo caráter, os dois modos de arranjo do signo: a combinação e a seleção.

Todo signo, para Jakobson [19?] é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Portanto, uma unidade linguística serve de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa. A seleção, por outro lado, entre termos alternativos, implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. Os constituintes de um contexto têm um estatuto de contiguidade, ao passo que num grupo de substituição os signos estão ligados entre si por diferentes graus de similaridade.

Um dos méritos do trabalho de Jakobson [19?] neste artigo foi o de relacionar a este duplo caráter da linguagem as duas formas propostas por Saussure [1979] em seu *Curso...*: a combinação corresponderia à série sintagmática, e a seleção à relação associativa ou paradigmática, como em seguida veio a ser conhecida. Das duas variedades de combinação – concorrência e concatenação, somente a segunda foi observada por Saussure, ensejando a Jakobson uma crítica, em que lamenta o fato de o mestre genebrino ter sucumbido à tradicional crença no caráter linear da linguagem.

Foi com base no duplo caráter da linguagem que Jakobson [19?] propôs uma nova classificação dos distúrbios afásicos, quer o distúrbio se localize no eixo da contiguidade, quer no eixo da similaridade. Contudo, sua observação mais original decorre da aproximação que faz entre os dois polos da linguagem e duas das figuras mais conhecidas da teoria lacaniana, a metáfora e a metonímia.

Para Jakobson [19?], o desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. No primeiro caso, o autor identifica ao processo metafórico, ao passo que a metonímia incidiria sobre o eixo da contiguidade. Ao manipular esses dois tipos de conexão – similaridade e contiguidade, em seus dois aspectos – posicional e semântico – por seleção, combinação e hierarquização, um sujeito revela seu estilo pessoal, gostos e preferências verbais, assinala o autor.

É na criação poética, por excelência, que se revela a prevalência de um ou outro desses aspectos, de tal modo que, nas escolas romântica e simbolista, deparamo-nos com o primado do processo metafórico, enquanto na escola realista predomina a metonímia, em que os autores seguem a linha das relações de contiguidade, desfiando digressões metonímicas para falar do quadro espacio-temporal em que se movem os personagens e as intrigas que compõem a atmosfera da narrativa.

Jakobson [19? ] salienta, ao final do artigo, que a predominância alternativa de um ou outro desses dois processos não é de modo algum privilégio da arte verbal, estendendo-se a outros sistemas de signos<sup>2</sup>. E recomenda: numa análise da estrutura dos sonhos, a questão fundamental é saber se os símbolos e as sequências temporais empregadas se baseiam na contiguidade ou na similaridade.

A partir dessas noções, poderíamos estabelecer um quadro sumarizado das contribuições de Saussure e de Jakobson, a seguir:

<b>EIXO</b>	<b>AB SINTAGMA</b>	<b>CD PARADIGMA</b>
<b>MODO</b>	<b>COMBINAÇÃO/CONTEXTO CONTEXTO</b>	<b>SELEÇÃO SUBSTITUIÇÃO</b>
<b>RELAÇÃO (SAUSSURE)</b>	<b>SIMULTANEIDADE SINCRONIA <i>IN PRAESENTIA</i></b>	<b>SUCCESSÃO DIACRONIA <i>IN ABSENTIA</i></b>
<b>RELAÇÃO (JAKOSBON)</b>	<b>CONTIGUIDADE</b>	<b>SIMILARIDADE</b>
<b>FIGURA</b>	<b>METONÍMIA</b>	<b>METÁFORA</b>

<sup>2</sup> Ver, a propósito, obra de Roland Barthes, *A câmara clara*, em que o autor analisa, sob o prisma das relações de combinação e seleção, a arte fotográfica.

Na sequência, iremos examinar algumas passagens da obra lacaniana que fazem referência explícita à metáfora e à metonímia, visando, adiante, relacionar com a questão do sintoma, objeto de nossa investigação. Contudo, devemos salientar que a pesquisa empreendida para a elaboração deste trabalho pôde salientar inúmeros aspectos convergentes entre a pesquisa linguística e a pesquisa psicanalítica, associação que se estreitou por todo o ensino de Lacan, exceto por algumas contramarchas, como a que envolveu certo linguista no processo de expulsão de Lacan da Escola Normal Superior<sup>3</sup>.

Dado que não é o objetivo desse trabalho estabelecer os modos de convivência entre a linguística e a psicanálise com Lacan, sem, contudo, pretender a harmonia celestial entre os protagonistas de uma história de saberes nem sempre convergentes, destacaremos dois momentos dessa reflexão, o primeiro de descoberta, extraído da conferência sobre “A instância...”, de 1957, e o segundo de ultrapassagem, retirado do seminário de 1977-1978, *O momento de concluir*.

Esse aspecto [as duas vertentes do efeito significante], muito sugestivo por derrubar a perspectiva da ‘função psicológica’ que tudo obscurece nessa matéria, aparece, luminoso, na análise puramente linguística das duas grandes formas de afasia que um dos expoentes da linguística moderna, Roman Jakobson, pôde efetuar (LACAN, 1998a, n.5, p.498).

Ser, eventualmente, inspirado por algo da ordem da poesia para intervir como psicanalista? É certamente a esse verso que é preciso que retornem, porque a linguística é uma ciência muito mal orientada. Ela não se sustenta senão à medida em que um Roman Jakobson aborda, francamente, as questões da poética. A metáfora, a metonímia, não têm capacidade para interpretar, a não ser quando elas são capazes de exercer a função de outra coisa com a qual se unem estritamente o som e o sentido. É a medida que uma interpretação justa desmancha um sintoma que a verdade se especifica em ser poética. Não é do lado da lógica articulada – ainda que eu aí deslize na oportunidade – que se deve sentir o alcance do nosso dizer. Não que não haja nada que

---

<sup>3</sup> Ver Roudinesco (1988, p. 582). Trata-se de uma menção ao linguista Georges Mounin, que escrevera um artigo em *La Nouvelle Revue Française – NRF*, em janeiro de 1969, em que declara, entre outros aspectos, que o estilo de Lacan não prepara para uma curiosidade sadia orientada para a linguística e deplora o fato de que a Escola Normal Superior – ENS, onde se deveria ter produzido uma atualização linguística de alta qualidade, tenha parcialmente perdido, por causa de Lacan, uns dez ou quinze anos difíceis de recuperar. Este episódio acendeu ainda mais o clima que se instaurou na ENS, e que culminou na expulsão de Lacan (2008), como se pode extrair de seus comentários no Seminário 16 *De um Outro ao outro*, na última aula.

mereça duas vertentes, o que nós enunciamos sempre, pois é a lei do discurso, como sistema de oposições. É isso mesmo o que precisamos ultrapassar” (LACAN, 1998-2000, p.4).

Não poderíamos, antes de concluir essa parte, deixar de mencionar dois importantes trabalhos realizados por eminentes estudiosos da linguística, e que generosamente debruçaram-se sobre as obras de Freud e Lacan, examinando-as sob a lente das categorias da retórica empregadas por um e outro. Trata-se, no primeiro caso, de Tzvetan Todorov (1996), autor de *A retórica de Freud*, e, no segundo, de Russell Grigg (1985), autor de *Jakobson et Lacan sur métaphore et métonymie*.

### **Afinal, o que são metáfora e metonímia?**

Para abriremos essa questão, sugerimos a leitura da seguinte passagem da obra de Lacan no seminário sobre as formações do inconsciente, de 1957-1958.

Já faz algum tempo que venho sabendo, periodicamente, que um certo número de vocês, nos meandros de sua vida cotidiana, de repente é surpreendido pelo encontro com alguma coisa que já não sabem de jeito nenhum como classificar, se na metáfora ou na metonímia. Isso às vezes acarreta distúrbios excessivos no organismo delas, uma arfagem violenta da metáfora de bombordo para a metonímia de estibordo, com a qual houve quem sentisse uma certa vertigem. (LACAN, 1999, p.78).

Como todo e qualquer sujeito submetido à linguagem, mas também sujeito capaz de surpreender-se, continuamente, com ela, pude, recentemente, reagir à seguinte fala, escutada nos corredores de um shopping: “Ele ficou com todas as minhas memórias”, dizia um jovem rapaz ao celular, pondo ênfase na palavra ‘memórias’. De imediato, fui atingida pela flecha da metáfora, considerando, afinal, que o jovem havia sido expropriado por alguém de tudo, até mesmo de suas memórias. Na sequência, pude verificar que a fatalidade anunciada era, muito simplesmente, o resultado de uma banal negociação em que o sujeito enumerava todos os itens de uma transação comercial: o comprador havia ficado com todas as suas memórias, placas, programas, arquivos, na ilimitada série dos objetos metonímicos da cadeia semântica da informática.

Numa obra de ficção cinematográfica, *O segredo dos seus olhos* (Juan José Campanella, 2010), o protagonista Benjamin Espósito, assistente de procuradoria criminal, ao aposentar-se, decide retomar um caso não solucionado de cerca de vinte e cinco anos atrás. A reconstituição dos fatos ligados ao crime de uma jovem é o pretexto

para o nosso protagonista recompor sua própria narrativa, que envolve a procuradora do seu departamento, de quem se enamorara no passado, e a quem jamais pôde declarar o seu afeto.

O escrito é o móvel de sua ação, e por essa razão passa longas noites atormentado em busca do fio da palavra que o reconduzirá à história rememorada, para encontrar-se com o silêncio das palavras e o vazio das folhas de papel gastas diante de uma máquina de datilografia antiga, cuja principal característica é não imprimir o “a”. Numa certa noite, desperto de um sonho, Benjamin acorda, escreve quatro letras num papel e, no dia seguinte, tenta retomar o fio da meada. No escrito, constava “TEMO”.

Ora, o espectador acostumado a associar, tão livremente quanto nos ensinam a psicanálise e os parâmetros saussurianos e jakobsonianos, logo se depara com um enigma. De início, podemos imediatamente associar TEMO na cadeia de “receio”, “suspeito”, ou seja, no eixo da similaridade semântica, como vimos. Logo, nossa suposição cede lugar a outra: TEMO pode ser associada a outros contextos que não o semântico, mas de uma similaridade fônica, mais exatamente a quê? Perguntamo-nos.

Cedo esclarece-se o motivo pelo qual este significante faz irrupção no inconsciente através do sonho: trata-se, em realidade, da frase jamais dita e sempre recalcada, TE (A) MO, em que a elipse do (A), em conformidade com o real da máquina que opera o nosso protagonista, produz efeito de significado na cadeia significante.

De início, devo salientar que, em preparação para esta aula, cuja motivação pessoal é incontestável, por razões que poderão ser esclarecidas ao longo do trabalho, reuni toda a documentação necessária a uma pesquisa, que logo mostrou-se exaustiva e, como toda investigação dessa natureza, de resto inútil. A partir das referências de Krutzen (s/d), que organizou o *Índice referencial do seminário de Jacques Lacan*, palmilhei todos os seminários publicados e inéditos, além dos *Escritos* e *Outros escritos*, tomando como palavras-chave a metáfora e a metonímia (Ver pesquisa).

O reencontro ou novos encontros com os textos de Lacan objeto de leitura e de reflexão ao longo das últimas três décadas de minha vida deram-me a certeza de que, na origem de minha escolha pela psicanálise com Lacan, a metáfora e a metonímia desempenharam uma função propriamente catalisadora, animando ao longo de minha existência o entusiasmo pela prática e pela pesquisa, que resultou, inclusive, numa Dissertação de Mestrado, em 1992.



### A metáfora e a metonímia lacanianas

Para explicitar ainda mais as noções que vimos desenvolvendo a respeito dessas duas modalidades do funcionamento do inconsciente para Lacan, seguiremos com mais duas passagens, a primeira referente à metáfora, e a segunda à metonímia, em seminário sobre as psicoses, de 1956.

Essa fase do simbolismo que se exprime na metáfora supõe a similaridade, a qual é manifestada unicamente pela posição. É pelo fato de que o feixe é o sujeito de *avaro* e de *odiento*, que ele pode ser identificado com Booz em sua falta de avareza e em sua generosidade. É pela similaridade de posição que o feixe é literalmente idêntico ao sujeito Booz (LACAN, 1985, p.249) [...]

Se uma parte, tardia, da investigação analítica, aquela que concerne à identificação e ao simbolismo, está do lado da metáfora, não negligenciamos o outro lado, o da articulação e o de contigüidade, com o que aí se esboça de inicial e de estruturante na noção de causalidade. A forma retórica que se opõe à metáfora tem um nome – ela se chama metonímia. Ela concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear – estamos, com efeito, ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou que está em conexão com (LACAN, 1985, p.251).

Como se pode depreender dos trechos acima, a proposição lacianiana com relação à metáfora e à metonímia é fazê-las equivaler em tudo aos eixos de similaridade e contigüidade, embora saliente que, no caso da metonímia, há de fato substituição. Lembremos que a frase selecionada para introduzir a metáfora – *Seu feixe não era avaro nem odiento* –, retirada de Victor Hugo, é uma metáfora com base em metonímia: *feixe* é uma metonímia de Booz, na medida em que estão associados numa relação que, segundo os retóricos (Reboul, 2000), baseia-se na familiaridade dos termos entre si; na extensão da frase, produz-se o efeito metafórico tão bem anunciado por Lacan (1985).

Uma outra passagem poderá salientar ainda mais o ponto em que Lacan situa a metáfora em conformidade com a teoria de Saussure e Jakobson, extraída do artigo propriamente inaugural do autor, em sua retórica do inconsciente: trata-se de “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, de 1957.

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo

seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia (LACAN, 1998 a, p.510).

Um outro exemplo de metáfora empregado por Lacan (1985) em seu ensino pode ser entrevisto no trecho que se segue, extraído do seminário sobre as psicoses. Nele, o autor faz uso de uma metáfora que os retóricos designam, mais exatamente, de metáfora por oposição, estrutura inteiramente distinta da metáfora por substituição<sup>4</sup>, em que os termos aparecem não em substituição, mas em justaposição.

Tomemos uma fórmula sobre a qual vocês não me contestarão que ela seja inegavelmente uma metáfora. Vocês verão se é o sentido que a sustenta.

*O amor é um calhau rindo no sol*

O que isso quer dizer? É incontestavelmente uma metáfora. É bastante provável que, se ela surgiu, é que comporta um sentido (LACAN, 1985, p. 257-258).

Poderíamos também tomar este mesmo exemplo de metáfora em um outro contexto, do artigo acima mencionado, “A instância da letra...”, onde ganhou diferente tradução, tendo Lacan (1998a, p.512), na ocasião, atribuído a esta o estatuto de metáfora moderna: “*O amor é um seixo rindo ao sol*”. A justaposição que se observa no exemplo corresponde à manutenção dos dois termos: ‘amor’ e ‘seixo’ na cadeia significante, não havendo substituição, portanto. Embora assim não o designe, Lacan está advertido de que não necessariamente a metáfora comporta substituição, mas que intervém aí outro mecanismo, que ele não chega a denominar, propriamente, tal como se observa nessa passagem do seminário sobre as formações do inconsciente.

A substituição é a articulação, o meio significante, onde se instaura o ato da metáfora. Isso não quer dizer que a substituição seja a metáfora. [...] Dizer que a metáfora produz-se no nível da substituição significa que a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, que a metáfora exerce sua função de criação de significado no lugar onde a substituição pode se produzir, mas isso são duas coisas diferentes. Do mesmo modo, a metonímia e a combinação são duas coisas diferentes” (LACAN, 1999, p.43-44).

---

<sup>4</sup> Ver, a propósito, artigo de Russell Grigg (1985) publicado em periódico do Campo freudiano em língua francesa, sob o título de *Jakobson et Lacan sur métaphore et métonymie*.

Para finalizar esta parte, gostaríamos de recorrer a dois exemplos lacanianos de metáfora e de metonímia, absolutamente conformes à proposição de Jakobson, extraídos do seminário sobre o desejo e sua interpretação, de 1958-1959.

Contiguidade por outro lado que distinguimos por exemplo numa experiência de palavras induzidas. Uma palavra virá com uma outra: se a propósito da palavra ‘cereja’, evoco evidentemente a palavra ‘mesa’, isso seria uma relação de contiguidade porque em tal dia havia cerejas em cima da mesa” (LACAN, 2002, p.57).

O que digo simplesmente aqui e o que quero lhes fazer sentir é – dado que falei antes mesmo de cerejas – que há outros uso que o uso metonímico. A propósito dessa palavra, eu diria, justamente um uso metafórico: posso servir-me dele para falar do lábio dizendo que este lábio é como uma cereja, e dar a palavra cereja vinda como uma palavra induzida a propósito da palavra lábio. Elas estão ligadas por quê? Porque elas são ambas vermelhas, semelhantes devido a que atributo? Não é que seja só isto, ou porque elas têm ambas a mesma forma, analogicamente, mas o que é perfeitamente claro, é que, de qualquer forma, estamos imediatamente, e isso se sente, sob o efeito absolutamente substancial que se chama o efeito de metáfora. [...] Estamos no plano da metáfora no sentido mais substancial do que contém este efeito, esse termo, e sobre o plano mais formal, isto se apresenta sempre, como eu lhes reduzi a este efeito de metáfora, a um efeito de substituição na cadeia significante” (LACAN, 2002, p.57-58).

### **O sintoma metáfora e o sintoma metonímia**

Entre as inúmeras referências lacanianas aos conceitos de sintoma, metáfora e metonímia relacionados entre si, elegemos a seguinte passagem do seminário sobre a relação de objeto, de 1956-1957, em aula de 26 de junho de 1957.

Se a neurose é, assim, uma espécie de questão fechada para o próprio sujeito, mas organizada, estruturada como questão, os sintomas se deixam compreender como os elementos vivos desta questão articulada sem que o sujeito saiba aquilo que ele articula. Por assim dizer, a questão é viva e o sujeito não sabe que ele está nessa questão. Com frequência ele próprio é um elemento dela, podendo situar-se em diversos níveis: num nível elementar, quase alfabético, como também

num nível mais elevado, sintático, onde nos permitimos falar em função metafórica e função metonímica, partindo da idéia, que nos é dada pelos lingüistas, ao menos por um certo número dentre eles, de que estas são as duas grandes vertentes da articulação da linguagem. O que nos torna difícil conservar a linha reta no comentário das observações é que devemos sempre nos abster de tender, de maneira demasiado absoluta, para um ou outro lado (LACAN 1995, p.403).

Encontramos aí uma advertência explícita do autor, o que nos levará a manter, no horizonte do trabalho, sua recomendação: o sintoma é metáfora, mas também metonímia. No seminário sobre a angústia, desenvolvido entre os anos 1962-1963, Lacan pergunta-se o que é o sintoma, respondendo ele mesmo: “É o vazamento da torneira” (LACAN, 2005, p.349). Vemos aí, claramente, o uso que faz o autor de uma metáfora líquida para o sintoma, a exemplo de outras tantas que emprega em outras de suas comunicações: litoral, ravinamento das águas<sup>5</sup>, tonel...<sup>6</sup>

No seminário sobre a relação de objeto, a propósito dos significantes da procriação, Lacan (1995) comenta o caso Dora sob o prisma do sintoma: o sintoma de gravidez é uma metáfora, na medida em que Dora, após o rompimento com o Sr. K., encontra neste sintoma a possibilidade de união com o que o autor designa de lei das trocas simbólicas.

A prova disso é essa espécie de engravidamento de Dora que se produz depois da crise de ruptura com o sr. K., e que Freud percebe com esse prodigioso senso intuitivo das significações que é o seu. [...] É significativo que Dora veja nisso a última ressonância desse laço pelo qual ela permanece ligada ao sr. K. Encontramos aí a equivalência de uma espécie de copulação que se traduz na ordem do simbólico de uma maneira puramente metafórica. Mais uma vez, o sintoma ali não passa de uma metáfora. Para Dora, é uma tentativa de reunir-se à lei das trocas simbólicas, em relação com o homem a quem se unir ou de quem se desunir (LACAN, 1995, p.149).

Na sequência, o autor tece comentários a respeito do caso da jovem homossexual, cuja fantasia de gravidez esteve na base de sua tentativa de suicídio, tal como o demonstra Freud (1920), apoiado na fala da paciente, segundo a qual “agora ela caíra por culpa do pai”. Ora, o significante ‘caíra’, na transposição linguística para o

---

<sup>5</sup> Ver Lacan (2003a), *Lituraterra*, p.15-25.

<sup>6</sup> Ver Lacan (2003b), *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*, p. 550.

alemão, é '*niederkommt*', que significa tanto 'cair' quanto 'dar à luz', polissemia de que já estávamos suficientemente advertidos quando da exposição freudiana do caso Hans. Ao comentar o temor da criança quando uma carroça havia sido completamente carregada e estava no ponto de partir, Hans costumava dizer "Os cavalos vão cair" (FREUD, 1909). Sua fobia estava associada, como Freud o demonstra, a uma fantasia de procriação, distorcida pela angústia. A propósito, vejamos o que diz Lacan no seminário 4.

Em contrapartida, o parto que se encontra também no fim do caso da homossexual, antes que ela chegue às mãos de Freud, se manifesta da maneira seguinte: bruscamente, ela se atira de uma pequena ponte da estrada de ferro. Isso acontece no momento em que o pai real intervém mais uma vez para lhe manifestar sua irritação e furor, intervenção sancionada pela mulher que está com ela, ao dizer-lhe que não quer mais vê-la. [...] Uma vez que esta a rejeita, ela não pode mais sustentar coisa alguma. O objeto está definitivamente perdido, e este nada em que ela se instituiu para demonstrar ao pai como se pode amar nem tem mesmo mais razão de ser. Naquele momento ela se suicida.

Como Freud nos sublinha, isso também tem um outro sentido, o de uma perda definitiva do objeto. Esse fato que lhe é decididamente recusado tomba, *niederkommt*. A queda tem aqui um valor de privação definitiva, e também de mímica de uma espécie de parto simbólico. Encontram aí o lado metonímico de que lhes falava. Se o ato de se precipitar de uma ponte férrea no momento crítico e terminal de suas relações com a dama e com o pai pode ser interpretado por Freud como uma maneira demonstrativa de se fazer ela mesma essa criança que não teve, e ao mesmo tempo destruir-se num último ato significativo do objeto, é por fundar-se unicamente na existência da palavra *niederkommt*.

Esta palavra indica metonimicamente o termo último, o termo de suicídio, onde se exprime na homossexual o que está em questão, e que é o único motor de toda a sua perversão, a saber, em conformidade com o que Freud muitas vezes afirmou em relação à patogênese de um certo tipo de homossexualidade feminina, um amor estável e particularmente reforçado pelo pai (LACAN, 1995, p. 149-150).

No seminário sobre a transferência de 1960-1961, encontramos passagem significativa em que Lacan (1992) situa a metonímia como suporte do sintoma obsessivo, por excelência, graças ao fato de que, na metonímia, o deslizamento processa-se de modo que a um significante associa-se, na experiência, uma série de outros significantes, de tal modo que a cadeia infinitiza-se, podendo tão-somente encontrar seu ponto de basta num efeito retroativo, ponto onde alcança a significação inconsciente.

Por que ele é chamado por Freud de *Rattenmann*, o homem dos ratos, no plural? – quando, na fantasia em que Freud aborda pela primeira vez uma espécie de visão interna da estrutura de seu desejo, naquele *horror*, captado em seu rosto, *de um gozo ignorado*, não existem ratos, só existe um, aquele que figura no famoso suplício turco a que vou voltar daqui a pouco. Se falamos no homem dos ratos, no plural, é realmente porque o rato prossegue sua corrida de forma multiplicada, em toda a economia dessas trocas singulares, dessas substituições, daquela metonímia permanente da qual a sintomática do obsessivo é o exemplo encarnado (LACAN, 1992, p.250).

Toda vez que lidamos com uma formação do inconsciente, adverte-nos Lacan (1999), a propósito do exame do chiste *famillionário*, devemos procurar o que ele designou de destroços do objeto metonímico, que se revelam particularmente importantes na medida em que a criação metafórica não é bem-sucedida.

Eis, portanto, nosso Heinrich Heine na posição de haver criado um personagem do qual fez surgir, com o significante *famillionário*, uma dimensão dupla – a da criação metafórica e a de uma espécie de objeto metonímico novo, o *famillionário*, cuja posição podemos situar em nosso esquema. Mostrei-lhes, da última vez, que podíamos encontrar nele, mesmo que a atenção não fosse atraída para esse aspecto, todos os destroços ou dejetos comuns ao reflexo de uma criação metafórica num objeto (LACAN, 1999, p.55).

O objeto metonímico recortado por Lacan em muitas passagens dos seus seminários encontrará, no objeto *a*, seu estatuto definitivo, como assinala o autor no seguinte trecho do seminário sobre as formações do inconsciente, de 1957-1958.

Do mesmo modo, no quarto ano de seminário, eu quis mostrar-lhes que não existe objeto *a* não ser metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de

Outra coisa – muito precisamente, daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado. Da mesma forma, não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica (LACAN, 1999, p.16).

### Um fragmento de caso

Gostaríamos de comentar brevemente um fragmento de caso clínico em que os aspectos metafórico e metonímico do sintoma parecem-nos evidentes. Trata-se de uma mulher, de 48 anos, que vem à análise pela segunda vez com a queixa de abandono por seu objeto amado, uma outra mulher com quem conviveu cerca de oito anos. Comparece já medicada por psiquiatra, alegando estar com grave problema de insônia e com uma paralisia facial que a deixava com a boca torta e impossibilitada de falar, o que se manifestou desde a sua primeira sessão. Na sequência em que deslizam os significantes na cadeia, novos sintomas agregam-se, vindo a analisanda a suspender o uso continuado e intensivo de maconha por cerca de doze anos, e a perder o prazo final para conclusão de sua tese de doutorado.

Ao longo do trabalho, pontuado por crises sucessivas de angústia, pôde a analisanda afinal defrontar-se com o objeto perdido, metonimicamente encarnado na perda do objeto amado, dos bens disponíveis no casamento, do prazo da tese, da fala, até quando pôde encontrar-se com a pura perda. Numa sessão, traz sonho passado em deserto africano, em companhia de sua mãe enferma e sua dependente. Interpreta o sonho como reconfiguração de sua vida e de seu novo projeto de tese, ligado à ancestralidade africana. Na sessão seguinte, retoma o fio condutor do sonho, para concluir que sua insônia já não alcança “longa jornada noite adentro”, e sorri de sua própria imagem, lembrando de peça lida na adolescência, cujo autor já não reconhece.

*Longa jornada noite adentro* é, conforme vocês sabem, título de uma peça de Eugene O’Neill, que explora o drama de uma família da Nova Inglaterra, passando-se em 1912, na casa de verão dos Tyrone. O patriarca da família, James, um homem idoso que há muito tempo abandonou as aspirações de ser um grande ator, escolheu viajar todos os anos apresentando a mesma peça. Sua esposa, Mary, tornou-se viciada em morfina, com pouco ou nenhum contato com a realidade desde o nascimento do filho mais novo. O casal tem dois filhos: o mais velho, Jamie, é um ator fracassado que foi forçado a seguir os passos do pai, tornando-se um alcoolista. Inveja o talento do irmão

mais novo, Edmund, que quer ser escritor, mas cuja carreira é abreviada pela tuberculose. A jornada de um longo dia termina com uma noite infernal, na qual os três homens da família embriagam-se, enquanto Mary, ensandecida, delira<sup>7</sup>.

Vemos aí manifestar-se, seguindo as pistas de Freud e de Lacan, as funções metonímica e metafórica do sintoma, esta última alcançada pela ultrapassagem do deslizamento em que opera a função metonímica, até deparar-se com a metáfora ‘longa jornada noite adentro’. Como bem se expressa Lacan (2009) no seminário de 1971 sobre um discurso que não fosse semblante, numa aula que foi intitulada, no estabelecimento de texto posterior, “Contra os linguistas”, a função metonímica aponta para o mais-de-gozar, graças à qual obtém-se, por transposição, por ultrapassagem, a metáfora.

Como já expliquei, é nesse nível [do mais-de-gozar] que se faz a operação da metonímia, graças à qual vocês podem ser levados a qualquer lugar, conduzidos pela ponta do nariz, e não simplesmente, é claro, a se deslocarem pelo corredor (LACAN, 2009, p.46).

O suporte [do mais-de-gozar], todos sabem que não os chateio com isso, porque é justamente a coisa de que mais desconfio no mundo, já que é com ela que se fazem as piores extrapolações. Em síntese, é com isso que se faz psicologia, a qual nos é muito necessária para virmos a pensar na função da linguagem. Assim, quando percebo que o suporte do mais-de-gozar é a metonímia, é justamente aí que fico inteiramente justificado. O que faz vocês me seguirem prende-se a que esse mais-de-gozar é, essencialmente, um objeto deslizante. É impossível deter esse deslizamento num ponto qualquer da frase (LACAN, 2009, p.47).

Para encerrar, remeto a um trecho do artigo princeps da obra lacaniana sobre a função da linguagem no inconsciente, “A instância da letra...”, em que Lacan (1998a) aponta a metáfora na formação do sintoma analítico.

O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento

---

<sup>7</sup> *Longa jornada noite adentro* recebeu em 1962 versão cinematográfica sob a direção de Sidney Lumet, contando com a formidável atriz Katharine Hepburn no papel de Mary, além de Ralph Richardson, Jason Robards e Dean Stockwell, nos papéis de James, Jamie e Edmund, respectivamente. <http://www.adorocinema.com>. Acesso em 21/04/2010.



significante – a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver (LACAN, 1998a, p.522).

## REFERÊNCIAS

CAMPANELLA, Juan José. **O segredo dos seus olhos**. Filme, 2010.

DUCROT, Oswald, TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das ciências da linguagem**. Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

FREUD, Sigmund (1895 [1950]). A compulsão histérica – Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)**, v. I. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1900). (E) Representação por símbolos nos sonhos – outros sonhos típicos. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos (1900-1901)**, v.V. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)**, v. VIII. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: \_\_\_\_\_. **Dois histórias clínicas (O ‘Pequeno Hans’ e o ‘Homem dos Ratos’ (1909)**, v. X. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910 [1909]**, v. XI. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1916). Uma ligação entre um símbolo e um sintoma. In: \_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**, v. XIV. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

FREUD, Sigmund (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: \_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**, v. XVIII. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.

GRIGG, Russell. Jakobson et Lacan; sur métaphore et métonymie. Traduit par Jacqueline Carnaud. **Ornicar ? revue du Champ Freudien**, n. 35, octobre-décembre 1985, p.12-34.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [19?].

KRUTZEN, Henry. **Index référentiel du Séminaire de Jacques Lacan**. s/l. s/d. Inédito.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de (*sic*) Freud (1957). In: \_\_\_\_\_. **Escritos**, p. 496-533. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.

LACAN, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. (1975). In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**, p. 550-556. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Marcus André. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b.

LACAN, Jacques. **Le moment de conclure**. Séminaire (1977-1978). s/d, s/l. inédito. Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase, Salvador, 1998-2000.

LACAN, Jacques. Lituraterra (1971). In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**, p. 15-25. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Marcus André. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a.

LACAN, Jacques. **O desejo e sua interpretação**; seminário (1958-1959). Publicação não comercial para circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Indústria Gráfica Metrópole, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 3**; as psicoses (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 4**; a relação de objeto (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 5**; as formações do inconsciente (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**; a angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão final Angelina Harari. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16**; de um Outro ao outro (1968-1969). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Jésus Santiago. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8**: a transferência (1960-1961). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rego Barros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante (1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Nora Pessoa Gonçalves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França**; a batalha dos cem anos, v. 2, 1925-1985. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 9a. ed., [1979].

TODOROV, Tzvetan. A retórica de Freud. In: \_\_\_\_\_. **Teorias do símbolo**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

---

\* Comunicação apresentada no II Seminário do Campo Psicanalítico – Salvador, em 19 de maio de 2010.